

A classe trabalhadora: de Marx ao nosso tempo

MARCELO BADARÓ MATTOS

São Paulo: Boitempo, 2019. 156p. (Coleção Mundo do Trabalho)

Ivan Lucon Jacob¹

135

Para aqueles e aquelas que pensam e agem com Marx, a obra de Marcelo Badaró Mattos aparece em boa hora como uma arma de guerra, visando sobretudo responder a difícil e incontornável questão dentro da tradição do materialismo histórico: quem é a classe trabalhadora hoje? E o professor titular de História do Brasil da Universidade Federal Fluminense consegue responder à árdua questão com competência e profundidade, tanto em seus aspectos teóricos como em suas manifestações na contemporaneidade. O livro já nasce um clássico.

De saída, o autor faz questão de salientar que o “livro busca privilegiar a perspectiva que identifica as classes com base nas relações que homens e mulheres, vivendo em sociedade, estabelecem entre si para produzir e reproduzir-se socialmente”, buscando compreender sobretudo as dimensões de “sua consciência coletiva e sua ação política”, com a finalidade última da transformação social. Com isso, afasta-se do reducionismo vigente nas discussões atuais sobre “classe” que limitam a situação de classe a uma dimensão puramente econômica, com base em fenômenos que a associam à

¹Doutorando em Desenvolvimento Econômico (IE/UNICAMP) e pesquisador do IBEC. ivanlucon@gmail.com



renda, consumo ou mercado; mas, acima de tudo, ao afastar-se desta limitação da interpretação de classe como critério de estratificação social medido pelo acesso ao consumo – com segmentação alfabetizada em A, B, C ou que tais – o autor repõe a “classe trabalhadora” como categoria de análise, que permite não só a compreensão de sua articulação com a totalidade da dinâmica social como também expõe a lógica dos conflitos sociais com as quais nos deparamos, ou seja: as lutas de classes.

O livro perfaz 3 movimentos principais, que tentaremos aqui discutir sucintamente. No primeiro movimento – o mais extenso e denso de todo o livro – o autor recupera historicamente o conceito de classe trabalhadora desde suas origens, passando pelas contribuições basilares de Marx e Engels. Isso significa dizer que Badaró mergulha na reflexão do próprio Marx, historicizando o conceito de classe social no momento próprio da gênese do materialismo histórico; pois, como o próprio autor faz questão de deixar claro ao percorrer o caminho da História logo no início do Capítulo 1, Marx e Engels não criaram a categoria “classe trabalhadora” do alto de um gabinete acarpetado, mas justamente se depararam com uma classe que estava se formando enquanto tal, ao mesmo tempo em que estavam os dois se formando política e intelectualmente durante os 1840’s, nas lutas alemãs, francesas e inglesas de modo geral.

Ainda neste primeiro movimento, Badaró retorna ao linguista russo Mikhail Bakhtin para precisar com grande acurácia a existência do vocabulário sobre “classe trabalhadora” e seus diversos usos; como exemplo, as diferenças entre *work* e *labour* em língua inglesa, tema de nota de Engels em *O Capital* para diferenciar o trabalho criador de valores de uso (trabalho concreto) do trabalho criador de valor (trabalho abstrato) e de suas posteriores adjetivações (*labour movement* ou *Labor Party*). E faz a ressalva



que “o estudo do trabalho e o estudo da classe trabalhadora, embora possam estar completamente imbricados quando o objeto é a formação social capitalista, não são a mesma coisa”, pois “essas definições iniciais, a princípio simples precisão de vocabulário, podem ser decisivas para debates contemporâneos fundamentais”. Por fim, as discussões sobre as existências material e econômica de classe, a sempre difícil temática da consciência de classe – que o autor passa com muita tranquilidade – e a discussão sempre necessária sobre gênero e raça – sempre, carecido dizer, pensando com Marx – encerram o primeiro movimento do livro deixando a certeza de que todo e qualquer curso que tenha por temática a classe trabalhadora deve usá-lo como texto-base.

O segundo movimento – grande exercício analítico do livro – visa entender, do ponto de vista empírico, a realidade da classe trabalhadora; ou, em outras palavras, é o confronto de Marx com a realidade da classe trabalhadora nos dias de hoje. Nele, o autor faz um rigoroso tratamento dos dados e fontes utilizadas, indo muito além das fontes tradicionalmente consultadas em trabalhos que se pretendem marxistas, o que permite ultrapassar o debate abstrato de classe e compreender a dinâmica atual da classe trabalhadora em suas múltiplas manifestações (distribuição setorial, por gênero, por raça, etc.). Com isso, duas importantes reflexões surgem após a leitura: em primeiro lugar, ao recusar a caracterização específica da classe trabalhadora formada pelo trabalhador industrial, formal, de tempo integral e portador de direitos, típica dos “Trinta Gloriosos” do pós-guerra, define-a como exceção na história do modo de produção capitalista, extremamente restrita em termos geográficos e cronológicos, e põe a nu as reais condições de reprodução da classe trabalhadora no tempo e nos mais diferentes espaços; em segundo lugar, permite captar e compreender o



fenômeno contemporâneo do crescimento do emprego industrial na periferia do sistema, concomitante ao aumento da precarização do trabalho no próprio centro do sistema, onde antes grassava justamente esse tipo de emprego citado anteriormente. Para tanto, o autor faz um estudo sobre as classes trabalhadoras indianas e alemã.

O terceiro e último movimento abre o debate sociológico e historiográfico sobre a questão da classe trabalhadora, recuperando o pensamento produzido sobre o tema que busca afirmar, relativizar ou mesmo negar seu potencial como sujeito histórico de uma transformação emancipadora; portanto, a confrontação de Marx com seus críticos ou com autores que buscam caminhos alternativos a partir de Marx. Justifica-se, pois, a atitude corajosa de Badaró de entrar em algumas polêmicas para sustentar a posição de defesa da atualidade de se pensar com Marx, declarando que “pensar a atualidade do conceito não se restringe a defender sua pertinência para o entendimento do mundo em que vivemos mas é também perceber sua eficácia explicativa para a análise da história das sociedades capitalistas”. A densa incursão teórica feita no primeiro movimento, assim como a precisa análise empírica feita no segundo movimento, permitem, como exemplo, compreender aqui a confusão feita por muitos autores entre a diminuição da importância relativa do emprego industrial, formal e de tempo integral – caracterizadores da “classe trabalhadora” – e o “declínio da classe trabalhadora”, o surgimento de um “precariado” ou então a emergência de “novos atores” sociais. Novamente recorrendo à discussão proposta por Marx sobre classes sociais – principalmente sobre a classe trabalhadora – e lutas de classes, mostra não só a validade teórica mas também a atualidade da perspectiva do materialismo histórico e a centralidade da classe trabalhadora como categoria de análise e sujeito político.



Badaró inicia suas considerações finais afirmando que “a tese defendida neste livro é simples: a classe trabalhadora, também chamada de proletariado, tal como aparece na obra de Karl Marx, continua tendo validade como categoria analítica para o entendimento da vida social sob o capitalismo”. Subscrevemos não apenas tal tese, mas também a porfia do autor em defendê-la. Ao apreender a classe trabalhadora, Marx não criou uma teoria de estratificação social, tampouco defendeu uma sociedade do trabalho, mas sim projetou nela o potencial de transformação histórica em sua luta pela emancipação. No atual momento de crise estrutural do capital e suas múltiplas manifestações, o concreto entendimento da dinâmica social que exponha as formas de exploração das lutas de classes é passo apenas inicial para a transição ao comunismo. Inicial mas urgente e necessário. O projeto político para a superação da sociedade de classes ganha, pois, com o livro de Marcelo Badaró, uma arma de guerra, na melhor tradição daqueles e daquelas que pensam com Marx.

Recebido em 15 fev. 2020 | aceite em 01 mar. 2020

